

FICHA TÉCNICA

Projeto «Entre-Espaços: Relações Possíveis no Encontro com a Rua»

Concepção e Pesquisa: ...AVOA! Núcleo Artístico **Direção Artística | Coreográfica e Coordenação:** Luciana Bortoletto **Pesquisa, criação, performance, produção de imagens e poesias:** André Simões, Edi Cardoso, Juliana Rosa, Luciana Bortoletto, Piéra Varin, Simone Lima **Registro audiovisual performativo, edição de vídeos:** Gil Grossi **Orientação dramaturgica:** Valéria Cano Bravi **Geopoética dos Sentidos e orientação em Arte Pública/ Relacional:** Lilian Amaral **Preparação Corporal:** Erika Moura, Melissa Bamonte, Fabrice Ramalingom e vivência com Mestre Inácio e Aguinaldo (PE) **Figurinos:** Telumi Hellen Costureira: Elisangela Dally **Produção | Primeira e segunda etapas:** Anderson do Lago Leite **Terceira etapa:** Aline Grisa /Bufa Produções **Assistência de produção | Primeira etapa:** Wladimir Baptista **Segunda etapa:** Livia Império **Terceira etapa:** Maria Emília Naiara Bastos

Ciclo de Palestras | Conversadores: Maurício Ribeiro da Silva, Danichi Hausen Mizoguchi, André Carreira, Norval Baitello Junior **Apoio:** Galeria Olido e Associação Viva o Centro

GIRE – Grupos Independentes Em Rede

Concepção: ...AVOA! Núcleo Artístico e Lilian Amaral **Coordenação:** Luciana Bortoletto

Segunda Edição

CoElaboração: André Simões, Edi Cardoso, Juliana Rosa, Lilian Amaral, Luciana Bortoletto, Piéra Varin, Simone Lima, Valéria Cano Bravi **Provocadora:** Valéria Cano Bravi **Registro Audiovisual:** Gil Grossi **Produção:** Anderson do Lago Leite /Associação Viva o Centro **Apoio:** Centro de Referência da Dança

Terceira Edição

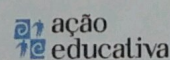
Colaboração: Edi Cardoso, Lilian Amaral, Valéria Cano Bravi **Grupos em ação:** Projeto CO, Cia Etra de Dança Contemporânea, ...AVOA! Núcleo Artístico **Produção:** Aline Grisa /Bufa Produções **Design Gráfico:** Carolina Sudatti **Registro Audiovisual:** Gil Grossi **Agradecimento:** Maurice Pirotte **Apoios:** Casa Mathilde, Academia Activa – Unidade São Bento, Edifício Martinelli, Galeria Olido, Associação Viva o Centro

Publicações | Mapa-Percurso Geopoético e Plataforma São Bento

Concepção: ...AVOA! Núcleo Artístico **Supervisão:** Lilian Amaral **Revisão:** Karina Alves, Lilian Amaral, Luciana Bortoletto **Criação | Design Gráfico:** Sissy Eiko **Entrevistas e Produção de Textos:** Karina Alves **Registro Audiovisual:** Gil Grossi **Coprodução Audiovisual:** Lilian Amaral, Sissy Eiko **Webdesign:** Gil Grossi

Agradecimentos: Ana, Astrid Toledo, Alemão, Alex Hermes, Baixinho, Cleber e equipe da Academia Activa Unid. São Bento, Comissão do 16º. Fomento À Dança, Centro de Referência da Dança, Cooperativa Paulista de Dança, Dino e equipe Restaurante Bom Gosto, Débora Allemand, equipe Restaurante Guanabara, Edson Bento, Edson Cabral, Elenor Cecon Jr., equipe Restaurante Hora do Almoço, equipe Salgados São Bento I, Felipe, Inês, Laura Moreira, Luiz Bahia, Luis, Lucas, Maurice Pirotte, Maurício e Ozzi, Mary, Museu da Dança, Nasser, Núcleo de Fomento à Dança, Odair, Paula Petreca, Paulo, Paulo Zan, Preto, Renato Fugulin, Robson, Regina Helena (da São Bento), Regina Helena Vieira Santos, Rui, Rui Mendes, Sílvia Sakae, Sula Andreata, Uxa Xavier, Wellington, equipe Casa Mathilde, Zé Rico. A todos os trabalhadores que constituem a Rua São Bento como regentes e protagonistas de fluxos, sons, afetos, histórias e encontros.

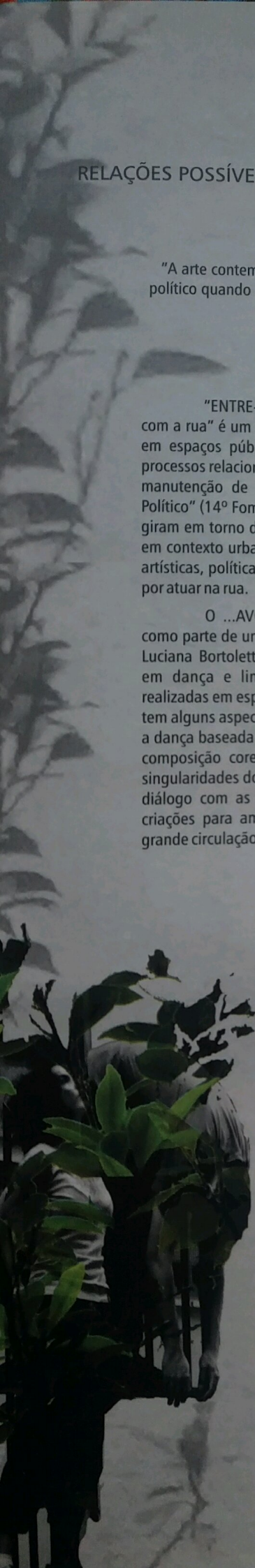
APOIO



PRODUÇÃO

REALIZAÇÃO





PROJETO ENTRE-ESPAÇOS: RELAÇÕES POSSÍVEIS NO ENCONTRO COM A RUA

por Luciana Bortoletto

"A arte contemporânea realmente desenvolve um projeto político quando se empenha em problematizar a esfera das relações" Nicolas Bourriaud

"ENTRE-ESPAÇOS: relações possíveis no encontro com a rua" é um projeto para criação coreográfica com foco em espaços públicos que se propõe a explorar formas e processos relacionais. Surge em continuidade ao projeto para manutenção de pesquisa artística "Corpo Poético, Corpo Político" (14º Fomento à Dança), cujas investigações e ações giram em torno da Formação do criador-intérprete que atua em contexto urbano e a respeito das inquietações estéticas, artísticas, políticas e poéticas que dão pistas sobre a escolha por atuar na rua.

O ...AVOA! Núcleo Artístico foi criado em 2006, como parte de uma parceria artística iniciada em 2000 entre Luciana Bortoletto e Gil Grossi, relacionando improvisação em dança e linguagem fotográfica com performances realizadas em espaços alternativos. No núcleo, desde o início tem alguns aspectos que foram continuamente investigados: a dança baseada em princípios somáticos, a improvisação, a composição coreográfica que valoriza diferenças físicas e singularidades dos movimentos de cada criador-intérprete, o diálogo com as artes visuais, a performance, a poesia e criações para ambientes intimistas e espaços públicos de grande circulação.

De dentro para fora, da percepção das trajetórias internas de movimentos para a composição no espaço público, o ...AVOA! tem construído ao longo desses anos um caminho que conecta processos artísticos e pedagógicos, trabalhando com grupos heterogêneos e integrando linguagens e campos de conhecimentos distintos, realizando oficinas de dança e poesia, encontros de improvisação, grupo de estudos em dança e poesia na rua, ações em espaços públicos e imersões, derivas, encontro de grupos (GIRE), performances e ensaios fotográficos integrados aos processos de criação.

Durante um período de mais de um ano, a Rua São Bento foi o lugar de imersão do Projeto "Entre-Espaços". Semanalmente foram desenvolvidas ações performativas, experimentos coreográficos, observações, coletas, entrevistas, visitas guiadas ao Edifício Martinelli, pesquisas históricas, palestras, workshops in situ, a segunda e terceira edições do GIRE - Grupos Independentes em Rede, associadas aos parceiros que nos acolheram e foram igualmente protagonistas.

MAPA-PERCURSO GEOPOÉTICO

por Luciana Bortoletto

O Mapa-Percurso Geopoético surge do desejo de compartilhar algumas experiências e caminhos vivenciados de junho de 2014 a setembro de 2015 pelo ...AVOA! Núcleo Artístico na rua São Bento, localizada no centro histórico da cidade de São Paulo. Com o apoio do 16º Programa Municipal de Fomento à Dança, ele é parte do projeto "Entre-Espaços: Relações possíveis no encontro com a rua" e representa a conclusão de um processo de criação coreográfica que extrapola a dança em si. O ...AVOA! realizou detalhado registro e agora torna público parte desse material. Trata-se de uma dança contextual e que aposta em uma dramaturgia do encontro.

A intenção deste mapa é possibilitar a quem o tiver em mãos, performar o espaço da rua: caminhar e observar, procurar, descobrir, inventar e encontrar elementos que constituem a rua São Bento; organizar o seu corpo e seus movimentos para adentrá-la. Ver, ouvir, contemplar, "inter-agir" e percorrer toda a sua extensão, compreendendo-a como um corpo feito de Pele, Músculo e Osso. Um sistema vivo.

A **Pele** é a arquitetura, textura e cores da rua;

O **Músculo** são os fluxos, tensionamentos e gestos;

O **Osso** é vestígio do passado, camada mais profunda e de sustentação da história antiga que se revela no momento presente.

Essa perspectiva em camadas e, especificamente, camadas corporais é uma apropriação poética e sensorial de um trabalho de preparação corporal proposto pelo coreógrafo francês Fabrice Ramalingom. Melissa Bamente e Érika Moura, responsáveis por um trabalho fundamental de estimular a propriocepção e instrumentalização em dança assim como Mestres Inácio Lucindo e Aguinaldo Silva na vivência do Cavalo Marinho, possibilitam uma reflexão sobre um corpo híbrido, multidisciplinar e urbano salientado por Valéria Cano Bravi.

O pensamento que permeia todo o trabalho está fundamentado nas abordagens somáticas. A ativação das camadas descritas, associadas a outras tantas experiências somáticas na rua, foi fundamental para estabelecer a conexão com a conceituação da Geopoética dos Sentidos e da "Cidade de Pedra", "Cidade Relacional" e "Cidade Imaginada" propostas por Lilian Amaral.

A Rua São Bento é, de fato, um patrimônio da cidade de São Paulo. E nele, habitam muitos outros - materiais e imateriais, tangíveis e intangíveis, entre as antigas e recentes construções, entre os trabalhadores e milhares de pessoas que por ali transitam, nos vãos e rachaduras que revelam sobreposições do tempo, do espaço, anúncios de modernidade sobre tijolos e estruturas do final do século XIX.

O mapa-percurso geopoético traz alguns apontamentos relacionados às pesquisas históricas realizadas na Biblioteca Mário de Andrade, com a atenção generosa da bibliotecária Norma, que nos ajudou a encontrar informações históricas no início de nossos trabalhos em 2014, os quais aguçam o nosso imaginário e nossos corpos, quando imersos nesse corpo-rua.

Ao longo desse intenso mergulho do ...AVOA! na rua São Bento foram coletados sons, objetos, imagens, histórias de vida, vestígios de memórias da cidade, apertos de mão, palavras, movimentos, gestos, olhares, perguntas (muitas perguntas), encontros e desencontros, fricções, conflitos, fluxos, chuvaradas, dias de sol, outras tantas danças em outros tantos corpos em trânsito... Coletamos acontecimentos visíveis, invisíveis e nos descobrimos completamente envolvidos por essas experiências, para aos poucos, surgir uma "Pequena Dança para crescer nos vãos", repleta de desafios, contradições e encontros transformadores. Aqui, o que temos são fragmentos cuidadosamente conectados, na tentativa de apresentar uma dimensão - ainda que incompleta - de como a Pequena Dança traz diversos sentidos dentro de si.

Este Mapa-Percurso Geopoético e a Plataforma Virtual São Bento são co-realizações de pessoas que se encontraram e se transformaram coletivamente ao dançar uma rua muito antiga.

NORVAL BATELLO JÚNIOR

"São Paulo, maior metrópole do hemisfério sul, é um lugar de vertiginoso desenvolvimento e difícil presente, pois ocorre aqui com frequência o rubro de nossos corpos. Sempre em nome do futuro e sua fúria, somos retratados do tempo presente, da presença aqui e agora. É preciso aprender e ensinar estratégias para o resgate do corpo vivo e sua presença, mesmo nos espaços mais insólitos da cidade."

MAURÍCIO RIBEIRO DA SILVA

"Costuma-se dizer que a cidade é uma grande cebola. A camada interna, do centro da cebola, não se apaga. E essa cidade (São Paulo), por ser naturalmente uma confluência de caminhos, um lugar de encontro, característica remane desde os jesuítas e bandeirantes, vinou o que ela é, o lugar do capital. A cidade do simbólico (poder), a cidade do fluxo (capital), a cidade do corpo (imagem) deve ser entendida na dimensão vertical - da verticalidade das igrejas, para a verticalidade das indústrias, para a verticalidade dos bancos, para a verticalidade das torres de comunicação. Então qual é a lógica da cidade do capital? Nada pode parar a cidade. A cidade tem que funcionar. Esse foi o nosso lema na década de 1950. São Paulo não pode parar. E São Paulo se vê numa encruzilhada, quando ela se vê imobilizada, como hoje ocorre. Então, o que essa cidade está falando pra gente, quando ela fala que não pode parar? Ela fala que o corpo que está na rua é um problema. Esse corpo que está na rua ele tem que andar. Ele não pode parar. A imobilidade é um problema. Porque se ela acontece, o fluxo do capital não roda, uma prerrogativa do mundo contemporâneo, da cidade ocidental capitalista.

DANICHI HAUSEN MIZOGUCHI

A relação entre subjetividade e cidade só é possível a partir da modernidade, ou do advento da modernidade. Esta vinculação entre subjetividade e cidade, ela se dá, notadamente, através de algo chamado corpo, que a gente pode dizer doravante que é o corpo moderno. Para pensar uma poética da relação entre subjetividade, cidade e corpo, é necessário que nós afirmemos um certo paradoxo, uma certa relação paradoxal entre cidade, subjetividade e corpo.

A cidade moderna é uma cidade que supervaloriza o espaço público, espaço público como espaço de convivência. No tempo moderno, o homem se torna campo de convivência, segundo novas regras, aquelas ditadas agora pelas Ciências Humanas. Isso é de novo uma garantia moral, e se vocês quiserem, uma garantia ética. Há alguém, afinal de contas, que diz como nos comportar e isso conduz nossa existência. "Na disciplina não será mais qualquer coisa. Será aquilo que a instituição moldar e aquilo que a ciência disser". Surge também a sociedade disciplinar, aquela que produz corpos dóceis. Ela dociliza os corpos e pensamentos para o trabalho, para a produção, sem problematizar, e capaz de seguir as novas formas de poder, agora pautado na relação entre indivíduos,

isso é de capital importância, pois o chão da rua passa a ser entendido como algo sem valor. O chão é o lugar do homem. Por isso, o trabalho do ...AVDAI é resistência.

O corpo na rua é um problema! Porque a rua não é mais lugar do encontro. A rua é lugar de fluxo e de passagem. Porque o capital funciona no fluxo da passagem. A mídia funciona no fluxo da passagem. Por isso que a mídia trabalha muito bem com o capital. Então a dimensão do trabalho realizado pelo Avoa, efetivamente, é uma dimensão pro-fun-da-mente revolucionária, simplesmente porque bota o corpo na rua.

Então, quando falo de uma dimensão da resistência, eu estou falando de algo que se coloca na contramão: faz aquele cara que está no fluxo parar, faz aquele cara que está na dinâmica de vender dançar. Ele volta a ter corpo. E a cidade volta a ser cidade. Ai, vocês, mesmo que de um modo pequeno, simples, enfim, etc etc etc, dão uma contribuição para o sentido oposto do capital, vocês estão fazendo a cidade parar!"

corpos, Estado, sociedade. Nesse contexto, cidade e homem são invenções da modernidade, enquanto produção, enquanto invenção, enquanto direção.

Se o poder é eminentemente relacional, como podemos pensar em uma poética da relação? Como pensar um corpo poético, produzido por uma relação poética?

Como pensar em uma poética da relação?

Operar o ethosmoderno é, paradoxalmente, aproximar e distanciar. Porque na proximidade e que se dá é a fabricação do outro em mim. (...) So é possível uma poética da relação, na medida em que, modernamente, apostemos em um paradoxo. Aproximar significa distanciar. E aí talvez, nesse ethosparadoxal, a gente possa pensar em uma poética da relação, uma poética do corpo, uma poética urbana. E aí, finalmente, dançar com o corpo, com a cidade, com a modernidade, ou seja, produzir lá na porta, uma relação que seja uma relação poética, porque paradoxal. "Aproximar é produzir distância, e produzir distância é dar vida a outro ciclo de criação."

LILLIAN AMARAL

A cidade, enquanto resultado da criação coletiva, tornou-se campo para atuar e publicar o "co-labor" proposto pelo ...AVDAI Núcleo Artístico. Como todo trabalho co-elaborativo, surge sob o desejo de alcance público da arte que propõe situações para o encontro de outros desejos que possam resultar em algum tipo de experiência compartilhada. As perguntas que colocamos: O que tango? O que troco? E o que transformo?, trazem a proposta de romper, borrar a fronteira do espaço do eu com o outro, no espaço ampliado da dimensão coletiva que se configura no espaço público.

As indagações resultantes desse projeto-processo "Pequena dança para crescer nos vãos" - "O que resiste, persiste e reexiste na Rua São Bento?", "Que dança é essa que brilha?", "Quem dança na Rua São Bento?", fazem emergir e friccionar as dimensões arte e vida e da geopolítica dos sentidos, presente em todo o trabalho. Esses dispartidores de reflexão ativaram as subjetividades, o dançarino performer, como um artista-pesquisado-mediador de afetos, propôs perguntas para tentar atingir a essência, a singularidade. Cada um dos artistas propositores apresentou publicamente o resultado ou processo de um pensamento, acreditando que ele possa ser pertinente para outros, para compartilhar coisas, inclusive aquelas que talvez ainda não tenham nome.

Entender o lugar da memória, do corpo social e da arte contemporânea, assim como seu papel de medição com o patrimônio cultural, com a vida cotidiana, constitui-se nosso enfoque da ação poética e colaborativa com o ...AVDAI, em "Entre-Espaços: Pequena Dança para crescer nos vãos"

O corpo – os sentidos e a memória + esquecimento foram a matéria poética para o trabalho de arte pública geolocalizada na Rua São Bento. O patrimônio cultural - considerando as dimensões do

VALÉRIA CANO BRAVI

O primeiro aspecto que moveu o trabalho dentro do Entre-Espaços: Pequena dança para crescer nos vãos, foi o questionamento sobre o porque estar na rua. Desta primeira questão emergem uma série de perguntas intrínsecas ao estado atual do fazer artístico por meio da dança, tais como: Qual o papel do artista? Qual o papel da arte? Cade a dança? O que é esta estética do cotidiano? O que é de fato compartilhar? E qual o papel ou a necessidade da arte para o cidadão? Essas perguntas, evocam a função principal da arte e da estética, no papel mister de alimentar o questionamento e a resignificação da vida.

Em "Entre-Espaços" a dança foi a ferramenta que trouxe a possibilidade de transformação do espaço da cena tradicional, um motor de questionamento da história do corpo dançante na cena. Assim, dentro de tantas buscas, da investigação e experimentação, nasceu no trabalho de Luciana Bortolotto e do ...AVDAI Núcleo Artístico, uma necessidade de falar sobre o mundo de uma maneira mais próxima das pessoas. De tocar as pessoas. E trouxe à tona a questão da proximidade do outro, do público da dança. A dança produzindo o "estar próximo" para chamar o outro, e convidar este outro a participar da dança. De alguma maneira, o grupo entrou naquele espaço e criou uma outra rede de significados e comunicação para a rua: eles dançaram juntos! Ao ponto dos habitantes da rua também se tornarem performers, e virem seu cotidiano transformado esteticamente.

O ato da dança na rua São Bento, no projeto "Entre-espaços", interferiu com mais ênfase na percepção temporal, mesmo que por um instante, ou "um rasgo de olhar", mexendo na

espaço, lugar e território, por seu conteúdo simbólico e sua significação, funcionou como suporte e contexto, articulou passado e presente para, no encontro com o corpo-mente do espectador-ator-habitante urbano, fazê-lo sair da posição de observador neutro, testemunho imparcial, indiferente, colocando-o também em ação, em movimento, percebendo o lugar enquanto nele se percebe, performa.

Completando esse intercurso de narrativas corporais e territoriais, nos apoamos na cartografia social contemporânea como experiência desenvolvida no território vivido, mapeado, baseado na capacidade de desenvolver leituras e interpretações de mundo, de realidades sociais, por meio de práticas culturais, artísticas e educativas que incorporam o âmbito corporal através da observação, percepção e intervenção no território praticado.

A cartografia se converte em uma representação artística e cultural da realidade que trabalha com o movimento e mudança, cria fluxos entre o visível e invisível, e resulta em um mapa de experimentação e de interpretação da realidade diária que opera simultaneamente em um campo local e global, real e virtual. Cram-se interterritorialidades, novas cartografias cognitivas, onde transitam entre territórios converte-se em condição humana contemporânea.

Intervenção, questionamento, experiência, intercâmbio com a urbe, confronto, dissensos, fricções, originaram-se das questões contextuais, ampliaram escutas sensíveis e criam narrativas com o corpo coletivo, movente, com +texto, com +poro paisagens multisensoriais, desvelando futuros possíveis.

relação tempo/espaço/cotidano, imergindo e emergindo, ocupando o espaço por meio das "Mito-Resistências". Essa imagem poética, das plantas que crescem nos vãos, fez a dança, pela dança, entrar no cotidiano de outras pessoas.

Este modo cênico de fazer a dança, diferente das danças de rua, tem haver com uma corrente estética contemporânea de se libertar de lugares exóticos, um interesse artístico-ético-estético de buscar re-significar os espaços, o momento e o tempo cotidiano.

O tempo, o espaço, a fiscalidade presente, em paralelo as questões da memória do espaço urbano, e conjuntamente, da história e antropologia, foram eixos entrelaçados, norteadores no processo de criação do artista, o Criador-Interprete, dentro de nossa orientação dramaturgia e cênica. Esses elementos são resultado da inserção da antropologia no estudo da dança, forma de estudar o corpo dançante.

A antropologia tornou possível essa maneira de pensar o corpo em sua complexidade de camadas, de sobreposição e existência de pluralidades, a fiscalidade da dança, no seu sentido físico, cartesiano, e no sentido de um ser vivo, que precisa de um ambiente para estar vivo. O olhar antropológico para a dança mostra a complexidade das histórias que meu corpo carrega, a minha própria história, a história dos ambientes específicos, e o que nos faz humanos.

* Textos produzidos com base em palestras e entrevistas concedidas pelos convidados Danichi Hausen Mizoguchi, Maurício Ribeiro da Silva e Norval Batello Júnior.

